



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Neubern, Maurício S.

Milton H. Erickson e o Cavalo de Tróia: A Terapia Não Convencional no Cenário da Crise dos
Paradigmas em Psicologia Clínica
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 363-372
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815213>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Milton H. Erickson e o Cavalo de Tróia: A Terapia Não Convencional Cenário da Crise dos Paradigmas em Psicologia Clínica

Maurício S. Neubern^{1,2}

Universidade de Brasília

Resumo

O presente artigo busca situar a obra de Milton Erickson no cenário da transição de paradigmas científicos da psicologia clínica. Destaca-se que as contribuições desse autor, ao mesmo tempo em que denunciam as limitações do paradigma dominante, apontam na direção de pressupostos distintos, muito afins com as perspectivas de um novo paradigma emergente. A metáfora do cavalo de Tróia busca retratar a influência sutil e intensa do trabalho desse autor sobre as perspectivas emergentes, de modo que, enquanto fascina e causa admiração, traz em si um potencial elevado de reflexão crítica. O artigo destaca três aspectos centrais desse processo – a impossibilidade teórica, o resgate de uma complexa e a busca de novas racionalidades – o artigo é concluído delineando possíveis caminhos para o legado de Erickson.

Palavras-chave: Milton Erickson; terapia não convencional; hipnose; paradigmas; psicologia clínica.

Milton H. Erickson and The Trojan Horse: The Nonconventional Therapy Scenario in Clinical Psychology

Abstract

This article places Milton Erickson's work in the scenario of transition of scientific paradigms, especially in clinical psychology. It shows that Erickson's contribution denounces the limitations of the dominant paradigm and points to different assumptions that are very similar to the emergent paradigm's perspectives. The trojan metaphor shows the powerful and subtle influence of Erickson's work on sacred perspectives. While Erickson's work fascinates and provokes critical and incisive reflections about the sacred perspectives, it simultaneously emphasizes three main aspects – the theoretical impossibility, the rescue of a complex subjectivity and, at last, the search for new rationalities. As a conclusion, possible pathways for understanding and using Erickson's legacy in the field of clinical psychology are emphasized.

Keywords: Milton Erickson; uncommon therapy; hypnosis; paradigms; clinical psychology.

Uma incômoda questão permanece em aberto para quem quer que reflita sobre a obra de Milton Erickson: como ela deveria ser compreendida no atual cenário do conhecimento das ciências psíquicas. Tal questão, mesmo parecendo simples e desprestensiosa, reveste-se de profunda importância, uma vez que toca diretamente em pontos fundamentais sobre a própria construção do conhecimento e principalmente sobre a crise de paradigma vivida na atualidade (Morin, 1983, 1998;

concebê-la como um conjunto de questões posteriormente traduzidas para um nível mais intelectual e mais inteligível dentro de noções e conceitos existentes. Dito de outro modo, a riqueza da terapia não convencional³ provém de suas narrativas e formas de compreensão.

Por outro lado, o que a maioria das pessoas que se interessam por essa terapia não convencional consiste em uma tarefa impossível: procuram conceber uma ob

pode-se entender a insatisfação de Hoffman (1992) ao criticar as tentativas de sistematização do legado de Erickson. É justamente nesse ponto que o presente artigo assume sua posição: procura-se compreender a obra de Erickson como um conjunto de contribuições que ao mesmo tempo questionam, denunciam a falência e apontam soluções diante dos dilemas e limitações do paradigma dominante na ciência e suas influências na psicologia⁵. Vale destacar que tais ações da obra desse autor antes de apontarem para a simples e cômoda construção de uma nova teoria, remetem para transformações profundas em termos epistemológicos, cujos rumos e implicações são imprevisíveis. Tratam-se muito mais de um conjunto múltiplo de desafios que exigem constantes construções de seus interlocutores, dando lugar a uma tarefa sempre inacabada.

Nessa perspectiva de conceber o problema, pode-se notar a considerável similaridade entre a forma como Erickson lidava com seus pacientes e, talvez sem que o soubesse, a forma como se posicionou diante dos próprios paradigmas dominantes na psicologia. Ao invés de confrontar abertamente suas crenças e ativar suas resistências, em sua prática terapêutica e hipnoterapêutica ele procedia de forma indireta desviando sua atenção e ativando aos poucos, via inconsciente, seus processos de mudança (Erickson & Rossi, 1979; Erickson, Rossi & Rossi, 1976; Haley, 1991; Zeig & Geary, 2000). De modo semelhante, seu legado estético e pragmático, ao mesmo tempo em que evoca profunda admiração e curiosidade da comunidade científica, parece promover em seu seio, sem que se perceba, importantes modificações que questionam profundamente os pressupostos da psicologia clínica. É nesse sentido que será aqui tomada a metáfora do cavalo de Tróia, isto é, a de um presente belo e imponente que, ao cair da noite e já no interior das muralhas do saber, anula suas defesas, permitindo a revolução e a construção de uma nova ordem. Contudo, parte-se do pressuposto de que o momento atual do

paradigma emergente nessa disciplina. Tudo abordará brevemente três tópicos básicos teórica, a subjetividade como objeto (o que de novas racionalidades) que colocam a questão da subjetividade (Gonzalez-Rey, 1997; 1996b, 1998; Neubern, 1999, 2000, 2001). O eixo fundamental para um novo projeto é a tentativa, ao invés de se constituir em previsão, pois o novo paradigma não pretende constituir, busca apenas delinear algumas noções mestras, sem a pretensão de explorar as possibilidades do imprevisível e da surpresa em investigações desse tipo. Optou-se assim, razões, pela restrição da discussão à questões abrangentes sobre a transição e crise de considerar com mais propriedade as autoridades que buscam sistematizar o legado. A tentativa é a de demonstrar a sintonia entre as importantes reflexões epistemológicas, delineando seu lugar central no cenário contemporâneo.

Um Imenso Cavalo de Madeira Fortaleza Científica

Fissuras na Unicidade Teórica

Um dos principais pilares em torno da teoria científica erigiu-se de forma imponente: de um acesso único e confiável ao real (Gadamer, 1996a, 1998; Prigogine & Stengers, 1987). Uma vez afastada toda aparente dependência das condições iniciais, tornava-se possível o acesso a universais que regiam os fenômenos. Os cientistas passaram a possuir o privilégio de ver a natureza, impondo-se sobre ela e transformando-a de modo nunca antes visto. Tal perspectiva teve um considerável impacto social para os avanços tecnológicos, de modo a associar-lhes intrinsecamente à progressão humana (Foucault, 1978).

A psicologia, por sua vez, movida pelo afã de pretensão científica, passou por um percurso histórico ao mesmo tempo curioso e embarracoso quanto à construção de seus sistemas teóricos. Por um lado, as categorias generalistas sobrepuiseram-se quase que por completo às noções singulares, dissolvendo os sujeitos cotidianos em estruturas universais inconscientes, comportamentais ou sociais (Gergen, 1996; Gonzalez-Rey, 1997; Neubern, 2001b). As consequências dessa primazia generalista vão desde o paradoxo de um indivíduo universal (Santos, 1995) até a constituição da psicologia como uma ciência muito mais voltada para o polo da regulação do que da emancipação⁶ (Santos, 1989). Por outro lado, a diversidade e a tendência exclusivista e autocêntrica de seus sistemas de idéias colocou sob suspeita a tão almejada científicidade, pois o pressuposto de uma realidade única e absoluta era incompatível com a multiplicidade de noções de homem. Desse modo, um campo disciplinar povoado de uma diversidade de escolas, em que cada uma delas reivindicava o privilégio da realidade sobre a psiquê humana, permitiu com que a psicologia fosse concebida como uma ciência atrasada, pré-paradigmática no sentido de Kuhn (1996), com relação às ciências da natureza, onde o consenso estaria mais amplamente estabelecido.

No entanto, os percalços para um reconhecimento científico não impediram a conquista de espaços sociais e daí a construção de fortalezas que delimitavam os domínios da psicologia. De forma similar, não impediram as defesas acirradas contra qualquer ataque à racionalidade científica dominante da qual tal ciência buscava se imbuir. Neste contexto, tal como ocorrido na guerra de Tróia, os psicólogos recebem a obra de Erickson em meio à profunda admiração, sem vislumbrar os perigos que comporta contra suas construções teóricas. A ebriedade das festas e comemorações das pretensas vitórias de sua científicidade parece tê-los embalado na doce ilusão de enquadrá-la em perspectivas tradicionais, reconhecidas

noção, em termos epistemológicos, os indivíduos como seres únicos, possuindo determinações genéticas, da família, da sociedade, dentre outras qualidades emergentes (Morin, 1997). Sobre essas determinações nem se fala, nem se discute. Suas qualidades ativas permitem-lhes serem considerados seres únicos, capazes de produzir conteúdos universais e de se adaptar ao mundo conforme a citação abaixo (Zimbardo, 1997):

Acho que o terapeuta não pode se permitir a oportunidade de pensar no paciente de forma favorável. E todas as regras da ciência, da análise, da análise transacional ... vários livros, como se cada pessoa fosse diferente. Descobri em cinquenta anos, que cada pessoa é diferente. Sempre trato cada pessoa de forma individualizada, enfatizando as qualidades individuais.

O que se destaca nesta citação, que é a única discutida, não é apenas a confirmação da visão de Erickson (O'Hanlon, 1994), mas também a organização complexa de pessoas que vivem diversas rupturas com os pressupostos da ciência, a construção e o papel da teoria, a mesma tempo em que se considera a necessidade para a terapia não convencional de uma forma distinta de construir teorias e de lidar com os questionamentos epistemológicos.

Diante de uma realidade situacional, em cada instante, a construção de uma teoria deve privilegiar uma relação distinta com os outros pressupostos epistemológicos, uma vez que não é possível um confronto direto com o real (Anderson & Goolishian, 1994).

como pode ser notado em diversos momentos do trabalho de Erickson (Erickson & Rossi, 1979; Haley, 1991; Zeig, 1995; Zeig & Geary, 2000) a geração de pensamento teórico adquire o caráter de construção, marcada histórica, cultural e subjetivamente, ao invés de um corpo transcendentante e desvinculado de seu sistema sócio-cultural; uma construção que não permite uma relação de controle e manipulação deliberada dos objetos, mas que considera, admira e contempla o entrelaçamento complexo de dimensões próprio aos mesmos.

Há também um segundo ponto que depõe contra a possibilidade de teorização, em termos tradicionais, do legado de Erickson, mas que ganha um papel central se assumido em termos epistemológicos – o terapeuta ou pesquisador enquanto sujeito. Dentro de uma perspectiva dominante, as colocações sobre o estilo pessoal desse autor (Haley, 1991; O'Hanlon, 1994; Zeig & Geary, 2000) fazendo referência à sua genialidade, podem conduzir à idéia da impossibilidade teórica, posto que o conhecimento de tais pressupostos jamais poderia ser repetido por se tratar de um conjunto de habilidades muito pessoais e particulares. Sem analisar os diversos ângulos desse tipo de pensamento, chama-se à atenção para a maneira radical com que Erickson toma a questão do sujeito. À princípio seu esforço concentra-se muito mais no atendimento de necessidades específicas dos momentos terapêuticos ou de pesquisa e na criação de novas formas de abordá-los, passando longe da tentativa de coerência ou convencimento teóricos de uma comunidade científica. Dito de outro modo, sua anarquia metodológica parece ser focada prioritariamente sobre seu autoconvencimento (Santos, 1989), abusando de seu potencial criativo no sentido de fazer frente às diversas exigências do real, prestando pouca ou nenhuma importância à validação de pressupostos consagrados da psicologia.

Essa infidelidade teórica, contrabalançada pela fidelidade à originalidade das próprias idéias, longe de indicar qualquer ausência de compromisso histórico com o pensamento coletivo, resgata rigorosamente a ação do sujeito enquanto um campo onde as idéias ganham vida,

construção teórica na perspectiva de um de maneira que a própria investigação também a assumir sua singularidade. Entretanto, tais abordagens de pensamento, como se de Erickson, procuram romper com a ideia em que as teorias são corpos impessoais em relação com a subjetividade social e individual, antecede e as acompanha (Bateson, 1979; Morin, 1983, 1996a; Santos, 1987). Portanto, não implica em considerar que se deve abandonar qualquer perspectiva comum e coletiva, mas apenas que, no seio das construções, as crenças partilhadas na comunidade científica e a generalização precisam aprender a lidar com a singularidade, a criação e a diferença, práticas que sempre foram presentes.

Dante do exposto, considera-se encontram-se muito mais como um trabalhado de que como uma solução particularmente no que diz respeito à geral e o singular, o comum e o diverso sujeito em sua relação com os marcos servem de referência. No entanto, cabe que, embora a obra de Erickson possa ser dividida em teoria e prática, as características apresentadas sobre a construção teórica e sua superação inquestionável de tal dicotomia empírista, que aponta para momento de conhecimento como teoria – prática ou desconsidera por completo que toda metodologia implica na geração de pergunta, uma vez que o sujeito é epistemológico. Tais ações tornam-se essencialmente tecnicistas, palavras, a pesquisa e a intervenção se caracterizam em si mesmas pelo uso de técnicas terapêuticas, mas pela geração de um teórico desenvolvido pelo sujeito, onde as técnicas ganham sentido (Gonzalez-Logo, 2003).

exclusão da subjetividade (Gonzalez-Rey, 1997; Morin, 1983, 1996a; Neubern, 1999, 2000; Santos, 1987). Colocando-se como tarefa impessoal e coletiva, o empreendimento científico buscava eliminar nos sujeitos, fossem pesquisadores, fossem objetos de estudo, tudo o que constituísse ameaça ou fonte de erro, por meio de noções generalistas e universais ou ainda pela vulgata dos contextos de experimentação.

Esse processo de exclusão da subjetividade abrangeu intensamente os diversos ramos do conhecimento, vindo a se estabelecer como um dos principais eixos do paradigma dominante sob a forma de uma grande divisão (Morin, 1998; Santos, 1987, 1989). Um lado dessa divisão era o universo da objetividade, regido por leis que permitissem a previsão e o controle. A linguagem era essencialmente técnica e prosaica e contava com o recurso inestimável da matemática, cuja lógica quantitativa oferecia maior precisão e segurança à empresa científica. Trata-se do lado onde a física reinava como modelo de ciência apontando um conjunto de procedimentos a serem seguidos por todas as demais, o que leva a química a divorciar-se da alquimia, a astronomia da astrologia e a medicina a expulsar de seu seio todos os representantes estranhos às pretensões científicas, como o mesmerismo e os magnetizadores do século XVIII. O mundo dos objetos, ícone de uma realidade estática e ahistórica, concentrou-se inicialmente sobre o movimento e as propriedades dos corpos, as reações químicas, as rotas planetárias, dentre outros.

Do outro lado do abismo, achava-se o reino da subjetividade cuja linguagem permitia o senso poético e estético, o pensamento qualitativo e a reflexão filosófica. Encontravam-se lá diversas disciplinas que ocupavam um patamar inferior à racionalidade científica, posto não serem capazes de um retrato fiel da realidade. O direito, a filosofia, a teologia, a literatura e o senso comum poderiam abordar as relações humanas, Deus, a alma, o amor, a sociedade, a produção literária, enfim, objetos cujo teor subjetivo não poderia permiti-los pertencerem aos interesses científicos.

Essas duas dimensões eram consideradas opostas e irreconciliáveis, e a tentativa de reconciliá-las resultou na

metodológica, romperam com a lógica da razão e da interação presentes no cenário da ciência ocidental. Toda a dimensão subjetiva prôpria da terapia não convencional é marginalizada, restando-lhe um *status* intrinsecamente marginalizado, que não é reconhecido nem qualificado como momento de pesquisa científica, como no caso dos métodos terapêuticos que são concebidas como propostas de intervenção em contextos, desprovidas de critérios de validade e generalização⁷ (Gonzalez-Rey, 1997).

Por outro lado, as exigências de validade e generalização da empresa científica implicam a negação de múltiplas disjunções e reduções entre o mundo e o estudo. O caso das emoções é paradigmático nesse sentido (Despret, 1999; Gonzalez-Rey, 1997, 2000, 2001b). Um processo de validação que articula múltiplas articulações com os sistemas biológicos, ou com seus sistemas sociais, é sempre um processo de negação de conexões e momentos históricos que não se enquadram na dimensão (como a biologia social) ou que se relacionam isomorficamente com a dimensão comportamental, desconsiderando-as como reguladoras dos processos subjetivos. A negação da descaracterização dos objetos subjetivos é sempre feita com uma associação arbitrária entre o mundo e o estudo, que é sempre universalizadora, que freqüentemente se apoia num corpo teórico do que aos cenários de estudo. No entanto, determinados objetos subjetivos podem ainda sofrer intensa marginalização, quando se encontram em terrenos proibidos ou míticos para a ciência ocidental. Tal parece ser o caso da hipnose (Gonzalez-Rey, 1999) que, por diversos motivos, permanece marginalizada, delineados em sua pesquisa (Erickson, Hershman & Secter, 1976; Rossi, 1997) ainda se encontra em um campo de preconceitos e não consiste em um campo de pesquisa comunitária científica⁸.

Todavia, a próxima surpreendente descoberta de

fragmentos, apresenta considerável sintonia com o tema da subjetividade discutido sob diferentes perspectivas no cenário científico (Morin, 1996a, 1996b; Santos, 1995; Tournaire, 1999) e na psicologia de modo geral (Anderson & Goolishian, 1988; Ausloos, 1995; Gergen, 1996; Gonzalez-Rey, 1997; Keeney, 1994; Mahoney, 1991; Neubern, 1999). As contribuições da terapia não convencional revestem-se de especial importância na medida em que retomam a complexidade das questões envolvidas com o tema da subjetividade, promovendo articulações entre noções classicamente opostas pelo paradigma dominante.

À princípio, Erickson destaca a impossibilidade de conhecer a subjetividade (O'Hanlon, 1994) tanto pelas diversidade de processos emaranhados que lhe são próprios, como por sua contínua mutação. A citação seguinte (Rossi, Ryan & Sharp, 1983) é ilustrativa nesse sentido:

Seu paciente é uma pessoa hoje, totalmente outra amanhã, mais totalmente outra ainda na semana que vem, no mês que vem, no ano que vem. Daqui a cinco, dez, vinte anos será outras pessoas. É bem verdade que possuímos certo *background* genérico, mas somos pessoas diferentes a cada dia de nossas vidas. (p.3)

Um dos pontos centrais que se destacam desta citação é a relação que Erickson estabelece entre a ação do sujeito e sua determinação histórica. Sob o auxílio de sua própria orientação naturalista (Erickson, 1958; Erickson & Rossi, 1979) pode-se conceber que ele preconiza um sujeito atual e auto-regulado que qualifica de forma própria as influências sociais e históricas sem colocar-se como um autômato das mesmas. Dito de outro modo, o sujeito é atual, subjetiva sua história, ao invés de se escravizar à ela, e permanece aberto às opções presentes em suas ações sociais. É dentro dessa mesma perspectiva que se pode compreender sua orientação de presente e futuro (O'Hanlon, 1994; Zeig, 1995) que não lhe constrangia a um retorno obrigatório ao passado de seus pacientes.

Porém, a passagem acima evoca ainda outra dimensão, que é a ligação entre o clínico e seu paciente.

importantes alternativas quanto ao determinante histórico que podem possuir influência de sintomas, mas não necessariamente a

Em segundo lugar, depreende-se com a postura de observação atenta quanto às manifestações do sujeito, sejam elas verbais, seja (respiração, postura, expressão facial, entre outras). Tal observação que busca atentar ao tempo à uma visão holística, singular e integrada. O sujeito refere-se ao que Erickson designou como *cues* (Erickson, 1964; Erickson & Rossi, 1974), exigência de qualificação (ou utilização) das expressões do sujeito sem a necessidade de se limitar a uma dada perspectiva teórica. A palavra ponto refere-se à possibilidade de construção interativo (seja da terapia, da pesquisa, da construção do conhecimento) com um ou mais pontos (*minimal cues*) que conferem a tal processo de interação rupturas e aberturas. A história desenvolve-se para a consideração dessas interações, a partir de uma perspectiva linear e homogênea para múltipla, heterogênea e com diversas significações e narrativa.

Aqui toca-se em uma terceira implicação na medida em que se busca privilegiar os dos sujeitos, de modo que a utilização terapeuta volta-se para o desencadeamento nos processos particulares dos pacientes a função da teoria não é outra que nenhuma referências para o diálogo com a realidade sujeito, abstendo-se do mecanismo tradicional e interpretar tal problemática a partir de universais e *a priori*. Essa perspectiva pode envolver o paciente em seus projetos de mudança, criando condições para sua participação como sujeito nos mesmos.

Finalmente, cabe ressaltar que a subjetividade coloca problemas de dificuldade de avaliação. O fato de i-

As dúvidas e paradoxos que tais exclusões legaram não parecem mais ser toleráveis. Porém, da mesma forma que um ser aberto ao presente e o futuro não permitiram à Erickson construir uma teoria, as incertezas do porvir do conhecimento só permitem indagações ainda não respondidas.

Promovendo a Subversão: Rumo a Novas Racionalidades Para Lidar com o Imponderável

O caráter a-teórico com que Erickson conduziu suas construções traz à tona um terceiro ponto que sintoniza seu trabalho com as possibilidades de um paradigma emergente: a busca de novas rationalidades que faça frente à complexidade das questões estudadas. Nesse sentido, o ponto que pareceria ser sua maior falha, afigura-se como uma de suas maiores contribuições. Sua insistência em não construir sistemas condizentes com a tradição psicológica é altamente significativa, pois diante de uma realidade altamente complexa, Erickson preferiu contemplá-la e respeitá-la, posto que qualquer forma de teorização conhecida o levaria aos mesmos equívocos de seus contemporâneos, isto é, à uma profunda mutilação e descaracterização dos objetos de estudo. Ao limitar-se a construir alguns princípios de abordagem, ele não só apontava para a necessidade de respeito das realidades subjetivas, mas também para a necessidade de investigações e desenvolvimentos epistemológicas mais profundos que pudessem contemplar e abordar semelhante complexidade.

Tal postura adotada pelo autor aproxima-se sobremaneira dos desafios com que se depararam os físicos na mecânica quântica e na relatividade. À medida que se depararam com noções contraditórias (paradoxo particularizada), incertezas e ausência de referenciais absolutos (Heisenberg, 1999; Morin, 1997; Santos, 1987) os físicos viram-se constrangidos a buscar novas concepções, cujos questionamentos abalaram pilares centrais do paradigma dominante como a matéria, o tempo, o espaço, o universo

A questão que se coloca em n a da necessidade de busca de cosmovisões e pressupostos disjunções e reduções pr dominante. Uma vez que o m morte por falta de matéria, concepções enraizadas nos se torne possível o diálogo co irregular, paradoxal e perm singulares, em que as tradicion vez menos condições explicamancial de conceitos e no ciências sociais, passam aos po explicações físicas, permitindo dos fenômenos. História, im acidente, revolução social, escravatura, democracia nu somente proporcionando uma complexos, mas principalmente âmago daquilo mesmo que to (Morin, 1996a, 1998; Santos, como analogias, textos, bio adquirir um papel central na Goolishian, 1996; Gergen, 19 geral (Santos, 1987).

É numa perspectiva semelhante sobre uma das principais car Erickson: o conto de história (Erickson & Rossi, 1979; Hale, O'Hanlon, 1994; Rosen, 1994). O recurso aparece em sua obra de pressupostos que, conforme a noção complexa da subjetividade central que se destaca em sua teoria, e analogias, contrariamente à dão aparecendo subordinada à subacente. Ou seja, seu uso é antemão por uma leitura sobre

À princípio remetem a uma noção de uso em que o próprio jogo interativo promove um contexto em que se torna possível a reconstrução de significados e sentidos singulares do sujeito. A pragmática de tal recurso refere-se tanto à consideração dos cenários específicos do sujeito como à própria coreografia que se desenha entre paciente e terapeuta, abrangendo múltiplos níveis ou dimensões (Erickson & Rossi, 1979; Erickson & cols., 1976). Apesar das críticas quanto à noção de níveis de relação que podem sugerir hierarquizações, tal perspectiva apresenta afinidades com as noções pós-modernas que enfatizam uso e jogos de linguagem (Anderson & Goolishian, 1988; Gergen, 1996). As construções dos sujeitos sobre suas vidas, seus conflitos e problemas não consistem em subprodutos de estruturas gerais e impessoais, mas remetem a seus cenários cotidianos onde se desenvolvem, por assim dizer, organicamente.

Por outro lado, o uso de analogias e histórias tocam ainda em outra questão epistemológica de considerável importância. Uma vez que não é possível um conhecimento direto da complexidade dos sujeitos, tornam-se necessárias formas indiretas de abordá-los que desencadeiem processos de mudança (Erickson, 1958; Erickson & Rossi, 1979; Erickson & cols., 1976). Esse uso indireto da linguagem abre, ao mesmo tempo, duas perspectivas importantes: por um lado, promove importantes reconstruções e experiências que remetem o sujeito a um auto-conhecimento, isto é, um conhecimento vivencial e aberto ao qual ele se engaja ativamente como sujeito e não espectador. De outra parte, remete à uma reflexão aprofundada sobre o próprio conhecimento psicológico que necessita comportar aberturas, buracos negros, ruídos e interrogações que o abram para o diálogo com a complexidade do real, ao invés de buscar mantê-lo na ilusão de um conhecimento homogêneo, linear e acabado.

Desse modo, pode-se compreender que a terceira surpresa que salta de dentro do cavalo de madeira é a

formas tradicionais de interlocução da ciência. Ela é vista como um autômato ignorante que isso, promove uma pertinência em questões comuns apontam para a construção de um espaço para o conhecimento¹⁰ (Santos, 1989).

Conclusão

O Legado de Erickson Como um Projeto de Ciência

A questão principal que animou o projeto de ciência deste artigo foi o de situar o legado de Erickson como uma contribuição central no seio da ciência contemporânea, inserido nos paradigmas da atualidade tanto nas ciências naturais quanto na psicologia. A proposta não impõe que se desvincule as contribuições desse autor de outras fontes que tenham alimentado a construção de sua teoria. Da mesma forma que toda obra original deve ser entendida com o pensamento coletivo de uma época, os trabalhos de Erickson são frutos de seu tempo e apresentam precursores que anunciam revoluções e mudanças concepcionais que dominaram o cenário científico. A originalidade de uma obra não deve subordinar-se ao seu contexto de relações com os cenários sociais, mas sim ao seu projeto de ciência. As preocupações epistemológicas, os debates teóricos, as críticas, os componentes políticos e ideológicos, enfim, todo o conjunto de elementos que permeiam a construção do saber.

No entanto, uma das principais intenções do projeto consiste em prevenir os interessados no campo da ciência de um erro epistemológico, social e político que persiste nas comunidades científicas, particularmente a de buscar travestir propostas novas sob a forma de ideias antigas. Ou seja, de forma quase automática, se explicar contribuições revolucionárias dentro de esquemas consagrados, em que todos os recursos de reflexão criativo é esgotado em formações metodológicas aceitas pela tradição, mesmo diante dos inúmeros desafios sociais contemporâneos.

reflexão epistemológica que busca qualificar o novo, pode desempenhar papel decisivo.

É justamente neste ponto que se concebe que o legado de Erickson consiste prioritariamente em um presente de grego, na medida em que convida seus interlocutores à transformações profundas não apenas em suas formas de abordagem terapêutica, mas também a uma revisão crítica de todos os momentos e situações onde o conhecimento se constrói. Por tais razões, após a pergunta feita na introdução do artigo sobre como conceber a obra de Erickson, outra interrogação torna-se inevitável: que usos devem ser feitos da obra de Erickson. Essa seqüência de perguntas implica na abertura de consideráveis desafios movidos pela busca de coerência entre os princípios adotados e às diversas formas de relação que se desenvolvem nos setores da comunidade científica.

Em outras palavras, tais desafios podem ser sintetizados da seguinte forma. Se: os sujeitos são complexos, singulares, auto-regulados e modificam-se à cada instante; não se permitem apreender pelas formas tradicionais de construir teorias; remetem a um universo imponderável mais invisível e permeado por acontecimentos, desordens e caos; exigem formas indiretas de abordagem em que a linguagem analógica e anedótica passa a conviver com o rigor científico; implicam na superação de dicotomias tácitas para o pensamento psicológico – Então: como deveriam ser conduzidas as relações nos contextos de ensino e formação? Que parâmetros poderiam nortear as relações nos conclaves e encontros científicos? Que pautas poderiam permear os bastidores e o cotidiano dos institutos? Quais diretrizes serviriam de referências para a condução da pesquisa e da terapia? Quais parâmetros auxiliariam na reflexão sobre a inserção social dessa forma de conhecimento?

Na mesma linha de pensamento, a lista de questões pode ser estendida consideravelmente. Contudo, não se

No entanto, embora o desafio epistemológico se constitua, é preciso considerar a terapia não convencional. Apesar de legado de técnicas, eles trazem novas possibilidades para a apreciação desse presente (Keeney, 1994). A admiração que muitos têm pelo cavalo ericksoniano de T. S. Eliot, que consegue conduzir psicólogos e cientistas a uma reflexão crítica, mas também resgatam a imaginação, com um futuro distinto para a ciência. É uma vez que tais transformações, que dão dúvida um dado significado, impressionado tão profundamente em psicólogos, não tanto por um mundo seco e morto pela razão, mas principalmente por um mundo que surpreende, beira o absurdo, mobiliza encontros com interlocutores e mobiliza encontros com consequências deste processo que ainda muito obscuras, pois os paradigmas existem pouco seguros para concebê-las. No entanto, Erickson parece apontar para um mundo seco e morto pela razão, dominante, para um universo que é o paradigma emergente (Neuenschwander & Stengers, 1997).

Referências

- Anderson, H. & Goolishian, H. (1988). The politics of meaning: Preliminary and evolving concepts in a new clinical theory. *Family Process*, 27, 37-52.
- Anderson, H. & Goolishian, H. (1996). A new paradigm in family therapy: From postmodern to postpostmodern. In J. P. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, novas terapias: a terapia familiar pós-moderna*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original work published 1995)
- Ausloos, G. (1995). *La compétence des familles*. Paris: L'Institut International de la Famille.
- Bateson, G. (1998). *Pasos hacia una ecología de la mente*. Madrid: Lumen.
- Chertok, L. (1998). *Le non savoir des psy : Le savoir et l'inconscient*. Paris: Synthelabo.

- Erickson, M., Hershman, S. & Secter, I. (1998). *Hipnose médica e odontológica. Aplicações práticas* (R. Montibeller & J. C. V. Gomes, Trad.). Campinas: Psy. (Original publicado em 1961)
- Gergen, K. (1996). *Realidades e relações*. Barcelona: Paidós.
- Gonzalez-Rey, F. (1997). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. Havana: Pueblo y Educacion.
- Gonzalez-Rey, F. (1999). *La investigación cualitativa: Rumbos y desafíos*. São Paulo: Puc-Edu.
- Haley, J. (1991). *Terapia não convencional* (N. Telles, Trad.). São Paulo: Summus. (Original publicado em 1986)
- Heisenberg, W. (1999). *Física e filosofia* (J. L. Ferreira, Trad.). Brasília: EdUnB. (Original publicado em 1958)
- Hoffman, L. (1992). *Fundamentos de la terapia familiar*. Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- Keeney, B. (1994). *Estética del cambio*. Barcelona: Paidós.
- Kuhn, T. (1996). *A estrutura das revoluções científicas* (B. Boeira & N. Boeira, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1970)
- Lyotard, J. (1979). *La condition postmoderne*. Paris: Minuit.
- Mahoney, M. (1991). *Human change process*. New York: Basic Books.
- Mendonça, J. (1995). *A magia da hipnose na psicoterapia*. Campinas: Psy.
- Morin, E. (1983). *O problema epistemológico da complexidade*. Mem Martins: Europa-América.
- Morin, E. (1996a). *Ciência com consciência* (M. Alexandre & M. Dória, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Original publicado em 1982 e 1990)
- Morin, E. (1996b). A noção de sujeito (J. H. Rodrigues, Trad.). Em D. Fried-Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 45 – 58). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1994)
- Morin, E. (1997). *O método I: A natureza da natureza* (M. G. Bragança, Trad.). Men Martins: Europa-América. (Original publicado em 1977)
- Morin, E. (1998). *O método IV: As idéias: Habitat, vida, costumes, organização* (J. Silva, Trad.). Porto Alegre: Sulina. (Original publicado em 1991)
- Morin, E. (1999). *O método III: O conhecimento do conhecimento* (J. Silva, Trad.). Porto Alegre: Sulina. (Original publicado em 1986)
- Neubern, M. (1999). *Fragments para uma compreensão complexa da terapia familiar: Diálogos epistemológicos sobre as emoções e a subjetividade no sistema terapêutico*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade de Brasília. Brasília, D.F.
- Neubern, M. (2000). As emoções como caminho para a complexidade da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11–18.
- Neubern, M. (2001a). O reconhecimento das emoções complexas: Implicações epistemológicas e reflexões teóricas. *Ciência e Profissão*, 2, 62–73.
- Neubern, M. (2001b). Três obstáculos epistemológicos ao reconhecimento da subjetividade na psicologia clínica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(1), 242 – 252.
- O'Hanlon, W. (1994). *Raízes profundas* (J. P. Santos, Trad.). (Original publicado em 1989)
- Prigogine, I. & Stengers, I. (1997). *A Nova Aliança: Materia, energia e tempo* (M. J. Trincheira, Trad.). Brasília: EdUERJ. (Original publicado em 1984)
- Rosen, S. (1994). *Minha voz irá contigo* (R. Montebechi, Trad.). São Paulo: Psy II. (Original publicado em 1982)
- Rossi, E., Ryan, M. & Sharp, F. (1983). *Healing in hypnosis*. London: Tarcher.
- Rossi, E. (1997). *A psicobiologia da cura mente-corpo* (A. R. Rossi, Trad.). Campinas: Psy. (Original publicado em 1993)
- Tourraire, A. (1999). *Poderemos viver juntos? Iguals e diferentes* (A. Tourraire, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1998)
- Santos, B. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições 70.
- Santos, B. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Santos, B. (1995). *Pela mão de Alice: O social e o político*. Rio de Janeiro: Cortez.
- Santos, B. (2000). *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cosac Naify.
- Zeig, J. (1995). *Os seminários didáticos com Milton H. Erickson* (J. Zeig, J. Kellerman & S. Nichols, Trad.). Campinas: Psy II. (Original publicado em 1992)
- Zeig, J. & Geary, B. (2000). *The letters of Milton H. Erickson* (J. Zeig, J. Kellerman & S. Nichols, Trad.). Rio de Janeiro: Theisen.